CLEMENTE, Isabel. A vida do outro é sempre mais fácil. **Revista Época**, 14 mar. 2012. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2012/03/14/a-vida-do-outro-e-sempre-mais-facil/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

O texto ***A vida do outro é sempre mais fácil***, de Isabel Clemente (2012), jornalista e colunista da Revista Época, trata, nos termos autora, dos “discursos de autopiedade”. De acordo com Clemente, esses discursos **caracterizam-se** por serem desprovidos de autocrítica. Conforme ela ainda aponta, tais discursos “não indicam solução para a autocomiseração”. Apenas “excluem o outro da conversa”. Em uma expressão: “só ouvem a si mesmos”, tal como os comportamentos autistas. Neste caso, a definição do termo autismo cairia como uma luva: “O termo autismo vem do grego *autos* que significa em si mesmo. Faz referência a um sujeito retraído que evita qualquer contato com o mundo exterior e que pode chegar inclusive ao mutismo” (ROUDINESCO; PLON, 1944, p. 57).

Como defesa de seu ponto de vista a colunista afirma que, normalmente, as pessoas que se valem do discurso de autopiedade apresentam o argumento do monopólio das suas experiências. Como afirma Clemente, os utilizadores de tal discurso procuram confirmar suas próprias penúrias e se rotulam como pessoas dignas da pena alheia. Outro fator característico desse discurso, de acordo com a perspectiva da autora, é apontar os privilégios dos outros para justificar as suas próprias dificuldades. Entretanto, posicionando-se contra esse discurso e contra a postura de seus usuários, Clemente entende que este éo pior caminho. **Porque** para ela, o fato de o outro não ter passado pelas mesmas experiências, não o desqualifica, apenas o caracteriza como alguém diferente de quem passou por outras experiências.

Para a autora, uma postura mais adequada seria aquela da identificação, já que, conforme ela mesma diz, é “a humanidade que nos aproxima”. Sob esse prisma, Clemente defende a tese de que a humanidade, é o único remédio que ela conhece para a intolerância e para o privilégio exclusivo da dor. Simplesmente porque, se somos todos humanos, estamos sujeitos a alegrias e a tristezas. Ou, em suas palavras de modo sintetizado: “Se somos todos humanos, rimos e choramos”.

=====================================================================================

 O que Clemente busca fazer nesse texto é agregar no mesmo lugar, sob o mesmo guarda-chuva, por assim dizer, diferentes tendências do sentimento do ser humano que tem compaixão por si mesmo, entendendo-as como atitudes que independe de classes, credos, gêneros, etnias e até mesmo de diferentes culturas.

Por um lado, é possível concordar com a autora, uma vez que a régua de medida utilizada por ela é o fato de que todos somos humanos e de que tais sentimentos e ou atitudes são inerentes ao gênero, digamos, *homo sapiens*. Por outro lado, entretanto, é possível também afirmar, em oposição aos argumentos trazidos por ela de que as diferenças de classes sociais, de gêneros, enfim, de percursos enquanto vivências únicas que cada um de nós fazemos, ao longo de nossas existências, é um aspecto que deve ser considerado na observação dos discursos de autocompaixão. O que quero dizer é que se há razões para afirmar que, no fundo, nossa humanidade nos aproxima, há igualmente razões para acreditar que essa mesma humanidade também nos distancia. E a história humana está repleta de exemplos neste sentido.

Independentemente dessas últimas considerações, o texto de Isabel Clemente vale a pena ser lido. Primeiramente como texto *em si*, isto é, a autora escreve bem e tem um estilo um tanto quanto despojado, embora não vulgar. Por si, vale como uma boa peça exemplar da subjetividade na linguagem. Porque mesmo que os argumentos da autora sejam bastante objetivos, a maneira como ela escolheu expô-los é exemplarmente subjetivo: a começar pela primeira frase do texto, que indica a forma como Clemente lida com tais discursos: “***Coisa que me incomoda*** são os discursos de autopiedade”. Ou seja, de forma incomodada. A outra razão para que o texto seja lido na íntegra é a possibilidade de ele nos trazer um diálogo bom e profícuo, a partir dos argumentos e dos exemplos apresentados pela autora para ilustrar seu ponto de vista. Assim, podemos ter uma exata medida de suas ideias, ainda que não nos identifiquemos totalmente com elas.

Por Jorge Viana de Moraes